



## **Um Manifesto pelo respeito, pela vida e pela verdade sobre a luta das mulheres do *Bloco A Vida Presta!***

Nos últimos dias acompanhamos o debate público entre as vereadoras Hilda Carolina Deola e Liliane Fontenele sobre a violência contra as mulheres e o feminicídio.

Debates são parte essencial da democracia e divergir faz parte da política. No entanto, quando o assunto é a vida das mulheres, é fundamental que o diálogo seja construído com responsabilidade, informação e respeito.

O trabalho realizado por iniciativas comunitárias e movimentos de defesa das mulheres, como o ***Bloco A Vida Presta!***, não nasce do desejo de confronto, nem de ideologia. Nasce da realidade de milhares de mulheres que ainda vivem com medo dentro de suas próprias casas.

Falar sobre violência contra a mulher não é celebrar números, é justamente o contrário: é tentar impedir que surjam novos números. Quando mulheres levantam cartazes com mensagens e estatísticas, elas não estão comemorando tragédias e sim pedindo atenção, proteção e políticas públicas que salvem vidas.

Também é importante lembrar algo que muitas vezes se perde no debate político: os direitos que hoje parecem naturais para as mulheres foram conquistados ao longo de muitas décadas de luta social.

Foi graças à mobilização de mulheres que hoje podemos:

- Votar e participar da vida política;
- ter conta bancária;
- trabalhar e administrar nossos próprios recursos;
- viajar sozinhas sem autorização do marido,
- Ocupar cargos públicos e disputar eleições.

Essas conquistas não pertencem a um partido político ou a uma ideologia, elas pertencem à história das mulheres. Reconhecer essa história não exige que ninguém abandone suas



convicções pessoais, religiosas ou até conservadoras, porque defender a dignidade e a segurança das mulheres não é uma pauta “de esquerda” ou “de direita”. É uma pauta humana.

Aliás, há algo em que podemos concordar: a violência contra mulheres não termina com discursos, mas com educação, prevenção e coragem para transformar a cultura que ainda tolera essa violência. E precisamos, sem sombra de dúvidas, de uma transformação cultural que ocorra com evolução social. Nesse aspecto, ainda precisamos avançar muito como sociedade.

Precisamos falar com seriedade sobre a educação dos nossos meninos, precisamos conversar com eles, estar presentes e disputar suas consciências em um mundo cada vez mais confuso e colapsado em referências humanas.

O machismo não é prejudicial apenas para as mulheres. Ele também aprisiona os próprios homens em modelos de comportamento baseados na repressão emocional, na violência e na dificuldade de construir vínculos saudáveis.

Um estudo recente publicado pelo **The Imperial College of Science, Technology and Medicine** em 2025 chama atenção para um fenômeno preocupante: a faixa etária em que aparecem mais comportamentos misóginos e hostis contra mulheres é justamente a adolescência. Entre os fatores apontados está o acesso cada vez mais precoce à pornografia e a conteúdos digitais que distorcem a compreensão sobre relações humanas, afetividade e respeito.

O estudo também destaca que a violência de gênero não pode ser explicada por um único fator. Questões como desigualdade social, contexto cultural e ausência de redes de apoio também influenciam profundamente esses comportamentos.

Há um ponto essencial neste artigo científico que merece reflexão: muitas manifestações de violência surgem como uma forma trágica e equivocada de expressar necessidades humanas legítimas que não foram atendidas durante a infância e a adolescência: a necessidade de conexão, de vínculo, de afeto, de ser visto, ouvido e reconhecido.

Outro dado que desafia muitos estereótipos é que atos extremamente violentos, como estupros coletivos, crimes digitais contra mulheres, tortura de animais e até homicídios, têm



sido cometidos também por jovens de classe média, provenientes de famílias estruturadas e com pais com formação superior.

Isso nos lembra de algo fundamental: ninguém nasce odiando mulheres. O ódio é aprendido. Ele se constrói lentamente por meio de pequenas repetições culturais: piadas que desumanizam, ideias de posse sobre o corpo e sobre a vida das mulheres, ciúmes tratados como amor e crenças que naturalizam o controle e a violência.

Esses padrões, quando não são questionados, podem escalar para violência psicológica, moral e física. Por isso, educar nossos meninos para o respeito é também uma forma de proteger toda a sociedade. E isso exige algo cada vez mais raro em nosso tempo: presença. Presença para ouvir, orientar, corrigir quando necessário, para interromper ciclos de violência que atravessam gerações.

Reeducar nossa escuta, posicionar limites claros e responsabilizar cada indivíduo por suas atitudes não é punição, é cuidado com o futuro. Educar meninos para se respeitarem, para respeitar as mulheres e para construir relações baseadas em dignidade e empatia também salva vidas.

Nós, do Bloco A Vida Presta, entendemos que proteger mulheres também é proteger famílias e a própria sociedade.

Essa proteção é tão premente que, por isso, seguiremos defendendo o diálogo, o respeito e a consciência social. Defendemos que os debates se transformem em pontes de compreensão e não em muros, pois quando o assunto é violência - seja contra mulheres, crianças ou idosos -, não deve existir espaço para diminuir o trabalho de grupos dedicados à consciência social.

Entendemos que deve existir apenas um compromisso coletivo: que nenhuma mulher precise viver com medo, que nenhuma criança ou idoso seja vítima de qualquer tipo de abuso, e que nenhuma vida seja perdida.

A vida presta e toda vida merece ser vivida com dignidade, respeito e sem medo.

Ponto de reflexão



Nós, do Bloco A vida Presta, esperamos que esse debate sirva para que temas fundamentais para a proteção da vida e da dignidade social entrem de forma mais ampla no debate público em Itajaí.

Entre eles:

- O DEBATE NACIONAL SOBRE A **ESCALA DE TRABALHO 6X1**, que impacta diretamente o tempo de convivência familiar e a presença dos pais na educação dos filhos e;
- A NECESSIDADE DA ABERTURA IMEDIATA DO **TERCEIRO CONSELHO TUTELAR NA CIDADE**.

São temas que dialogam diretamente com este manifesto: um fala sobre tempo e presença nas famílias, o outro sobre proteção e cuidado com nossas crianças e adolescentes.

### ***Uma reflexão respeitosa à Vereadora Dra. Liliane Fontenele***

Dirigimos estas palavras com respeito ao seu mandato, à sua trajetória profissional e ao espaço democrático que todas nós hoje ocupamos na vida pública.

Sabemos que existem diferentes visões sobre feminismo, sobre política e sobre os caminhos para enfrentar a violência contra mulheres. Destacamos mais uma vez que divergências fazem parte da democracia e do debate público.

No entanto, se faz crucial lembrar que muitas das liberdades que hoje parecem naturais foram conquistadas ao longo da história por mulheres que ousaram questionar limites impostos à sua época.

Compartilhamos abaixo marcos importantes da trajetória histórica das mulheres no Brasil, lembrando SEMPRE que o feminismo em sua essência não se trata de mulheres contra homens, mas da busca por igualdade de direitos e dignidade humana.



- Ano de 1827 — Meninas são liberadas para frequentar a escola por meio da Lei Geral de 15 de outubro de 1827.
- 1852 — Surge o Jornal das Senhoras, primeiro jornal feminino editado por mulheres e voltado para mulheres.
- 1879 — Mulheres conquistam acesso às universidades
- 1910 — Criação do primeiro partido político feminino
- 1932 — Mulheres conquistam o direito ao voto
- 1962 — Criação do Estatuto da Mulher Casada, que possibilitou que mulheres pudessem trabalhar sem autorização do marido.
- 1977 — Lei do Divórcio
- 1979 — Mulheres conquistam o direito de jogar futebol
- 1988 — Primeiro Encontro Nacional de Mulheres Negras
- 2006 — Lei Maria da Penha
- 2015 — Lei do Femicídio
- 2018 — Importunação sexual passa a ser crime

Portanto, Senhora Vereadora, nós, integrantes do Bloco A Vida Presta, salientamos que reconhecer essa história não significa criar divisões entre homens e mulheres. Significa apenas compreender que uma sociedade mais justa se constrói quando todos podem viver com liberdade, respeito e dignidade.

**Bloco Feminista *A Vida Presta!***

***Itajai 19 de Março 2026***